

Assim, a educação tem que conciliar a transmissão de valores e normas tradicionais, paralelamente com ideais de nacionalismo (indispensáveis para a promoção do desenvolvimento), dosados de forma a não se chocarem com a desnacionalização do sistema econômico e com a modernização (sugerindo novos tipos de ocupação e de consumo através do “efeito-demonstração” a partir de vasta rede de informação montada nos meios de comunicação).

Isto tudo só pode desembocar num processo educacional conservador e dissimulado; em outras palavras, capaz de assegurar a manutenção do *status quo*, de suprir o mercado de suas necessidades mínimas de mão-de-obra especializada e de manter a seletividade social, dando a impressão de estar aumentando as possibilidades de ascensão.

Assim, concordo com o autor quando diz que a “função conservadora” da educação, em estado de normalidade social, se sobrepõe à sua “função inovadora”, pois esta última, apesar de ter algumas chances de se desenvolver em pequenas escalas e em casos particulares, só assume proeminência no processo de mudança quando já houve ruptura nos esquemas instituídos de controle social.

## **Obstáculos ao Planejamento Educativo em Países em Desenvolvimento**

MARINA TEIXEIRA BARROSO REBELLO

ABREU, Jayme. Obstáculos ao planejamento educacional em países em desenvolvimento. In: **Educação no Brasil** — Textos selecionados. Rio de Janeiro. MEC p. 55-61.

### 1 — RESUMO

— *Idéia central do artigo*: dentro de um esquema interpretativo do tipo “sociedades duais” o autor tenta caracterizar cada uma delas (arcaica e moderna) em função do papel assumido pelo planejamento e principalmente dos obstáculos estruturais, conceituais, ideológicos, políticos, administrativos, financeiros e técnicos que à noção de planejamento são impostos numa “estrutura social de cultura arcaica”.

### Tópicos abordados no desenvolvimento da idéia

1. *Dificuldades estruturais, conceituais e ideológicas*: Há antagonismo entre a noção de planejamento e a estrutura social de uma cultura arcaica. Nesta, os “sistemas de participação são insuscetíveis de verificação pelo pensamento racional e objetivo da ciência”, há inexatidão quanto ao significado do planejamento educacional: freqüentemente ele é confundido com reforma educacional ou identificado à ação tota-

litária estatal (estereótipo estimulado pelos grupos sociais dominantes, desejosos de perpetuar o *status quo*).

— Identificação de sociedades modernas às industrializadas, nas quais o pensamento é “objetivo, analítico, integrado e projetivo” e, conseqüentemente, adequado à atividade planejadora, uma vez que o autor define planejamento como “aplicação de métodos científicos ao trato de fenômenos naturais e sociais com o propósito de aumentar a capacidade de previsão humana e de ensejar intervenção no processo de desenvolvimento social, acelerando-o ou modificando-o” (p. 55).

2. *Dificuldades decorrentes de uma conceituação tópica ou parcializante da realidade do processo social*: nas sociedades arcaicas há a concepção de isolamento dos diversos auto-sistemas que compõem o sistema social, em oposição à concepção de totalidade social na qual os subsistemas relacionam-se dialeticamente. Isto conduz a planejamentos setoriais desarticulados uns dos outros e, no caso específico do subsistema educacional, à ausência do estabelecimento de prioridades segundo critérios socialmente relevantes.

3. *Dificuldades inerentes às tensões do processo de desenvolvimento*: no desenrolar do processo de desenvolvimento, o tradicional (representado pelas classes dominantes interessadas na manutenção do *status quo*) e o moderno (defendido pelas forças sociais emergentes que vêm na mudança sua possibilidade de ascensão) interagem dialeticamente. Isto explica porque planejamento (formal) e prática educacional (real) estão freqüentemente distanciados em países em desenvolvimento.

4. *Dificuldades resultantes de instabilidade política*: no decorrer do processo de desenvolvimento as relações interclasses sofrem alterações profundas e o estabelecimento de novas correlações de força político-social não se dá sem atritos. As sociedades arcaicas são marcadas por uma descontinuidade política (resultante de vitórias parciais e momentâneas dos grupos sociais em choque) e esta é inimiga de qualquer planejamento a médio prazo.

5. *Dificuldades da parte dos “staffs” administrativos tradicionais e da opinião pública*: estes compartilham da idéia de que o planejamento é uma forma moderna de fazer velhas coisas e, como tal, apenas atrapalha os métodos já consagrados de atuação. Esta visão é não apenas conveniente para os grupos dominantes como também revela a falta de percepção da distinção entre planos setoriais e planos globais.

6. *Dificuldades por distorções quanto ao conceito de planejamento*: o não entendimento de planejamento como um roteiro capaz de se adaptar a rumos diferentes assumidos pela realidade, mas como um esquema aprisionador de seus rumos.

7. *Dificuldades de ordem financeira e técnica*: as estruturas sociais de cultura arcaica ressentem-se de capital financeiro e humano necessários ao exercício das tarefas interdisciplinares indispensáveis à formulação de um planejamento educacional adequado às exigências do desenvolvimento.

8. *Dificuldades de organização*: nos países em desenvolvimento impera uma indefinição dos objetivos, limites e possibilidades dos diversos órgãos de planejamento, bem como uma desarticulação entre eles. Há ainda uma superconcentração de poder nos órgãos financeiros em detrimento dos planejadores.

## 2 — COMENTÁRIOS

Este trabalho foi apresentado na Conferência das Nações Unidas sobre a aplicação da ciência e tecnologia em benefício das áreas menos desenvolvidas, realizada em Genebra em 1962. Nesta época, várias críticas já haviam sido elaboradas quanto às interpretações sociológicas do tipo dual, principalmente aquelas que pareciam contrapor dois modelos distintos de sociedade, como se fossem estanques e na suposição de que de uma, fatalmente, chegar-se-ia a outra. Muitas vezes o autor parece incorrer neste erro, mormente quando identifica países em desenvolvimento à “estrutura social de cultura arcaica” e não como uma estrutura social de transição, perpassada por modernismos e “sobrevivência” tradicionais, como seria de esperar dentro de um esquema de interpretação dual mais elaborado: aquele que considera “sociedade tradicional” como um *tipo ideal* situado no extremo de um continuum que se limita (na outra extremidade) com o tipo ideal de “sociedade moderna ou industrial”. É bem verdade que, ao desprever alguns dos obstáculos que as “estruturas sociais de cultura arcaica” opõem ao desenvolvimento, o autor trata-o como um processo conflituado e transicional, e isto dificulta ainda mais a aceitação da identificação feita, em alguns trechos, de país em desenvolvimento com “sociedade de cultura arcaica”. Estou insistindo neste termo, pois ele causa muita espécie: os demais autores que propugnam uma interpretação sociológica dual costumam falar de *sociedades* e não de *estruturas sociais* moldadas *culturalmente*; o uso da expressão “cultura arcaica” faz crer que o desenvolvimento é uma cultura mais avançada que se adquire por superação de traços culturais mais “primitivos” (vide a frase “sistemas de participação insuscetíveis de verificação pelo pensamento racional e objetivo da ciência”). Há ainda o fato de o autor tratar das sociedades modernas como se nelas todos os problemas tivessem sido resolvidos, como se elas e o seu tipo ideal fossem realmente idênticos e não como sociedades onde perduram conflitos sociais básicos, com interesses grupais a defender etc.

Contudo, se o autor não é sempre claro e coerente no estabelecimento das razões para a situação do planejamento em países como o Brasil, parece feliz na caracterização desta situação. A julgar pelas conclusões apresentadas na tese “O Conselho Federal de Educação e o Planejamento Educacional no Brasil — uma contribuição à história da educação brasileira” de José Silvério Baia Horta, o autor está muito correto quanto a:

- Imprecisão do conceito de planejamento.
- Superestimação dos planos de aplicação de recursos.
- Distanciamento entre o planejamento e a realidade educacional brasileira. Entre o nível legal e o da prática.
- Concepção social fragmentária evidenciada através de propostas feitas pelo CFE de soluções pedagógicas (internas ao subsistema educacional) ao invés de transformações sócio-político-econômicas mais amplas;
- Ausência de critérios para estabelecimento de prioridades educacionais a partir de interesses sociais relevantes: ao invés disto, o CFE elaborou, *a posteriori*, os “princípios doutrinários” que justificassem a lista de projetos prioritários escolhidos a partir de motivações diversas, externas às puramente educacionais e não advindas de interesse do “desenvolvimento global” do país.

O que há a ressaltar, mais uma vez, é que estes fatos não parecem decorrer de um arcaísmo cultural mas de conjunturas nacional e internacional historicamente definidas e que estabelecem, em larga medida, (ainda que não determinem) as possibilidades estruturais de mudança.

## Geomorphology in Environmental Management - an Introduction

MARTA MARIA B. GUIDUGLI

COOKE, R. U. e DOORNKAMP, J. C. *Geomorphology in Environmental Management: an introduction*, Clarendon Press, Oxford, 1974, 413 p.

Em qualquer planejamento, seja ele de âmbito restrito ou amplo, o conhecimento do suporte físico é uma etapa importante de sua elaboração.

Como a Geomorfologia está relacionada não apenas às formas de relevo, mas também aos materiais que as compõem e aos processos que lhes deram origem, ela pode oferecer ao planejador uma contribuição valiosa, uma vez que o conhecimento desses aspectos poderá levá-lo a alcançar resultados mais eficientes, evitando, assim, os riscos de um trabalho insatisfatório. A compreensão do comportamento dos processos que operam dentro de uma bacia de drenagem, por exemplo, ou das relações existentes entre formas de vertentes e a estabilidade das mesmas, são elementos cuja análise é indispensável na elaboração de planejamento de qualquer área com essas características.

Por outro lado, deve-se também ter em conta que o conhecimento do território não implica apenas em um simples reconhecimento dos aspectos físicos, mas algo mais complexo: o estudo das interações do meio ambiente e a compreensão de sua dinâmica.

Assim, o interesse da Geomorfologia pelos problemas ambientais, tanto em áreas urbanas como rurais, tem permitido atingir melhores resultados em trabalhos de planejamento, tornando-os mais racionais.

Dentre os vários trabalhos de Geomorfologia realizados por Kook e Dornkamp, *Geomorphology in Environmental Management — an Introduction*, destaca-se como uma obra voltada para o arranjo do meio ambiente, justamente por ser aqui a Geomorfologia vista sob uma ótica enfaticamente ambiental e humana.

Sabe-se que a preocupação em relacionar a Geomorfologia aos problemas do meio ambiente, apesar de ter surgido na segunda década do século XX, ocorreu somente a partir de 1950 quando estudos de processos geomorfológicos mostraram mais precisamente esta relação.

O objetivo dos autores com este livro foi o de oferecer uma base introdutória para aqueles que se interessam em explorar as aplicações